

A quem foi negado o direito de contar: contravisualidades e fabulação crítica em narrativas anticoloniais de autoras negras brasileiras

¹Isabela Goulart (IC – UNIRIO)

1 - Escola de Letras - Centro de Letras e Artes – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Palavras-chave: Fabulação crítica; Literatura negra; Contravisualidade; Arquivo; Imagem; Interartes.

Este projeto de pesquisa investiga como autoras negras brasileiras contemporâneas mobilizam a fabulação crítica, tal como formulada por Saidiya Hartman, como gesto interartístico e contravizual capaz de reimaginar subjetividades negras silenciadas pelos arquivos coloniais. Em sua segunda fase, a pesquisa amplia seu escopo teórico e metodológico ao incorporar a noção de contravisualidade, a partir de Frantz Fanon, compreendendo a *imago* racializada como prisão imposta pelo olhar colonial, bem como a ideia de imagem interior proposta por Rainer Maria Rilke. A fabulação crítica é aqui entendida como prática interartística que transita entre literatura, imagem, corpo e silêncio, e que desafia os limites formais da narrativa tradicional. O projeto dialoga ainda com os conceitos de “tempo espiralar”, de Leda Maria Martins, “coralidade”, de Flora Süssekind, e as abordagens de Natalia Brizuela, Florencia Garramuño e Marilene Felinto, para compreender a escrita como espaço de pluralidade, resistência e criação. Entre os principais objetivos da pesquisa estão: analisar a fabulação crítica como método de reinscrição histórica nas obras de Hartman, Ana Maria Gonçalves e Eliana Alves Cruz; investigar a construção de imagens insurgentes e contraimagens na literatura; e compreender a articulação entre texto, corpo, imagem e performance como prática estética e política.

A metodologia adota abordagem qualitativa, com análise comparativa de obras literárias e ensaísticas, destacando a linguagem como tecnologia de racialização e a visualidade como campo de disputa ontológica. A leitura de *Peles Negras, Máscaras Brancas*, de Fanon, trouxe novas camadas à análise, permitindo pensar a visualidade racializada como construção colonial. Obras como *Coros, contrários, massa*, de Süssekind, e *Performances do tempo espiralar*, de Leda Maria Martins, ampliam a percepção da escrita como experiência rítmica e coral. Já *Corsária*, de Marilene Felinto, contribui para a expansão da análise, incorporando mito, sonho e linguagem poética.

Os resultados parciais indicam que as autoras mobilizam a fabulação crítica como gesto de contraimagem e de invenção sensível do mundo, em que a palavra opera visualidades outras, não capturáveis pelo olhar colonial. A literatura aparece como campo de experimentação onde memória, corpo, tempo e linguagem se entrelaçam. Assim, a noção de contravisualidade consolida-se como eixo fundamental da pesquisa, articulando imagem, texto e subjetividade.

A conclusão reafirma a potência da fabulação crítica como ferramenta de reinvenção do arquivo e da memória, compreendendo-a como prática estética, política e ética que desafia o silenciamento e reivindica o direito de fabular o que foi negado. Ao longo da pesquisa, essa fabulação foi sendo entendida não apenas como gesto literário, mas como uma prática interartística, que opera entre texto, imagem, corpo e performance, extrapolando, assim, os limites tradicionais da literatura. Trata-se, enfim, de um gesto insurgente que constrói novas formas de imaginar, narrar e resistir, em que ver, escrever e fabular se confundem como práticas de sobrevivência e criação de mundos possíveis. O projeto prevê, até abril de 2026, atividades como releitura analítica do corpus, redação de artigo científico, participação em eventos acadêmicos e sistematização dos resultados finais, culminando com o fechamento do ciclo de pesquisa e seu possível desdobramento futuro.

Referências:

BATALHA, M. C. Relatos e travessias em Eliana Alves Cruz. PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, v. 10, n. 18, p. 246–265, 2020.

BERND, Z. Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 40, p. 29–42, 2012.

CONCEIÇÃO, F. W. B. da; PAULINO, R. C. O romance histórico de Eliana Alves Cruz: necropoder, violência, colonialidade do corpo e doenças infecciosas. Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 37, p. 51–65, 2022. DOI: 10.24261/2183-816x0437.

CRUZ, Eliana Alves. Água de barreira. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016.

DAL SASSO FREITAS, R. Um defeito de cor (2006) de Ana Maria Gonçalves e os limites da representação da escravidão. Revista de Teoria da História, v. 26, n. 1, p. 58–80, 2023. DOI: 10.5216/rth.v26i1.73883.

DE OLIVEIRA, S. Literatura e história em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. Litterata: Revista do Centro de Estudos Hélio Simões, v. 10, n. 1, p. 80–96, 2021.

- FANON, Frantz. Peles negras, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- HART, William David. The Blackness of Black: Key Concepts in Critical Discourse. Lanham: Lexington Books, 2020.
- HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista Eco-Pós, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640.
- _____. Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022.
- HARTMAN, Saidiya V.; WILDERSON, Frank B. The position of the unthought. Qui Parle, v. 13, n. 2, p. 183–201, 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20686156>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- HOOKS, bell. Black Looks: Race and Representation. Boston: South End Press, 1992.
- KUNZ, M. A.; MARQUES, L. M. O (des)silenciamento histórico em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. Revista Práxis, v. 1, p. 218–233, 2021. DOI: 10.25112/rpr.v1.2430.
- MIRZOEFF, Nicholas. How to See the World. London: Pelican Books, 2015.
- NASCIMENTO DOS SANTOS, Daiana. History and memory in the novel Um defeito de cor. Izquierdas (Santiago), n. 31, p. 162–171, 2016. DOI: 10.4067/S0718-50492016000600162.
- POWELL, Kashif. Specters and Spooks: Developing a Hauntology of the Black Body. Chapel Hill, NC: University of North Carolina at Chapel Hill Graduate School, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.17615/3ayx-fw87>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Tradução de Erlon José Paschoal. Artes de Manon Bourgeade. 1. ed. São Paulo: Antofágica, 2024.
- ROQUE, Márcia Cristina. O suplício do corpo como instrumento do poder soberano: análise do campo de exceção instaurado na senzala do Engenho Nossa Senhora da Natividade em Água de Barrela de Eliana Alves Cruz. Letras de Hoje, v. 57, n. 1, p. e43147, 2022. DOI: 10.15448/1984-7726.2022.1.43147.
- SANTOS, Zidelmar Alves; RODRIGUES, Inara de Oliveira. Entre a história e a ficção: deslocamentos em Um defeito de cor. ANTARES: Letras e Humanidades, v. 12, n. 26, p. 119–141, 2020.
- SEXTON, Jared. Afro-pessimism: an introduction. Racked & Dispatched, 2017. Disponível em: <https://archive.org/details/AfroPessimismread>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- SILVA E SOUSA, F. "Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos": uma entrevista com Saidiya Hartman. ODEERE, v. 8, n. 1, p. 1–23, 2023. DOI: 10.22481/odeere.v8i1.12538.
- SILVA, F. C. da. Quando o que se discute é a realidade: Um Defeito de Cor como provocação à História. Afro-Ásia, n. 55, 2017. DOI: 10.9771/aa.v0i55.24131.